

Museu Histórico

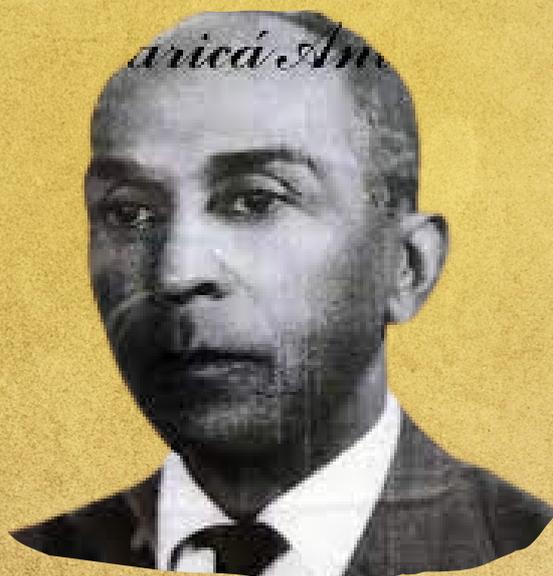
de Maricá

**FRANCISCO SABINO
DA COSTA**



Tabelião

**ORLANDO DE BARROS
PIMENTEL**



Médico

**ANTONIO BELLOT DE
SOUZA**



Juiz de Direito

**HOMENS NEGROS QUE FIZERAM A
DIFERENÇA NA CIDADE DE MARICÁ**

**NOVEMBRO, MÊS DE REFLEXÃO SOBRE
O RACISMO.**

**NEGRAS E NEGROS, MOVIMENTOS
SOCIAIS, TODOS UNIDOS EM UM SÓ
PENSAMENTO,**

"BASTA DE RACISMO!"

NOVEMBRO DE 2023 VOL 7 | ANO 1

REVISTA ELETRÔNICA



ICTIM
INSTITUTO DE CIÊNCIA
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
DE MARICÁ



PREFEITURA DE
MARICÁ



Editorial



Mês da Consciência Negra, mês de reflexão. A sétima edição da Revista Eletrônica do Museu Histórico de Maricá traz um dos temas mais importantes do século XXI, é intensa a luta da sociedade e dos movimentos sociais pela igualdade racial. A "Consciência negra" é um termo que ganhou notoriedade na década de 1970, no Brasil em razão da luta, ainda há movimentos sociais que atuam nesta linha, como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras-IPCN, Movimento Negro Unificado-MNU, Fórum Municipal de Mulheres Negras - FEMNEGRAS, União de Negros e Negras pela Igualdade - UNEGRO. O termo é, ao mesmo tempo, uma referência e uma homenagem à cultura ancestral do povo de origem africana, que foi trazido à força e duramente escravizado por séculos no Brasil e continua sofrendo os efeitos de um racismo institucionalizado. É o símbolo da luta, da resistência e a consciência de que a negritude não é inferior e que o negro tem seu valor e seu lugar na sociedade. A capa traz homens negros, que na sua época, lutaram contra o preconceito, a condição social, conseguiram dentro de suas especialidades romper barreiras. Inclusive a vida deles pode ser objeto de pesquisa, pois pouco temos acerca dos ilustres personagens, em especial do juiz Antonio Bellot de Souza, que exerceu o cargo de juiz em Maricá nos anos de 1962 e 1968, inclusive presidindo a Câmara de Vereadores e diplomando os novos. Em outubro e nos meses anteriores o Museu apresentou eventos, exposições e neste número segue a divulgação dos atos. A "chief" negra advogada, que resolveu investir na melhor culinária e hoje tem o apoio do ICTIM. O presidente mirim Miguel Padilha com o maravilhoso Projeto.

Fátima Moura

DEFINIÇÃO ESTRATÉGICA DO MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ - MHM

MISSÃO

Produzir, sistematizar, preservar e divulgar o conhecimento sobre o Município de Maricá, fomentando reflexão e a conscientização de toda a comunidade, contribuindo assim. Para a transformação e o desenvolvimento da cultura maricaense.

VISÃO

Tornar-se um Museu de Cidade que reflita a complexidade e a diversidade do Município de Maricá e se torne uma referência de memória e história para a comunidade maricaense.

VALORES

Ética e valorização da dignidade e da experiência humana
Diálogo permanente com seus públicos externo e interno.
Inovação e entusiasmo.o com ideias, métodos e ações contemporâneas. Articulação entre pesquisa, preservação, comunicação e formação. Contribuição para a transformação cultural, social e ambiental da cidade.

Expediente

REVISTA ELETRÔNICA DO MUSEU DE MARICÁ

Assessora de Comunicação e Jornalista

Responsável:

Fátima Moura

Registro Profissional nº 32802/RJ

Diretora da Casa da Cultura

Norma Brum

Museóloga Responsável:

Blanca Dian

Assessor Especial:

Alcinéo Corrêa

Responsável pela Contrapartida

Milena Costa

Historiador Benemérito:

Prof. Cezar Marins Brum

Edição:

Fátima Moura

Fotografia e Arte

Fátima Moura

Kaio Mendes

Edgar Belloti

Colaboradores do Museu:

Abidias Lacerda

Carlos Rogério Nogueira

Daniele Padilha

Daniel Melonio

Edgar Belloti

Janiluci de Almeida

Kaio Mendes

Rômulo Chagas

Valmir Joaquim

Colaboradores da Incubadora Cultural:

Érica Felipe

Fátima Moura

Gabriel

Jéssica Cardoso

Taísa Bezerra

E-mail assessoria de imprensa:

museuhmcomunicacao105@gmail.com

Página do Museu na Prefeitura:

<https://www.marica.rj.gov.br/orgao/museu-historico-de-marica-mhn/>

Casa da Cultura (sede do Museu Histórico) na página do ICTIM

<https://ictim.com.br/equipe/>

VISITA AO MUSEU HISTÓRICO DE MARICÁ:

2006 a 2013 - 63.356

2021 a 2022 - 4.825



A SAGA DE FRANCISCO SABINO DA COSTA

Nascido em 2 de Abril de 1912 na cidade de Maricá, mais especificamente no distrito de São José de Imbassaí, filho do pescador Philomeno Sabino da Costa e Ormindia Maria da Conceição. Com o falecimento de sua mãe ele, ainda criança, e seu pai vieram para a casa de parentes que moravam mais ao centro da cidade. No ano de 1919 matriculou-se no Grupo escolar Elisiário Matta, concluindo o Curso primário em 1923 tendo como professora a estimada Cacilda Silva.

Sabino sempre foi uma figura carismática e desde muito jovem já trabalhava no comércio da cidade, com 16 anos além de trabalhar mantinha o hábito da leitura de jornais seção política, mais tarde seu destino. Dedicava-se à leitura das folhas do “Diário do povo”, vendido na estação do trem, proveniente de Niterói, então capital do Estado.

Acervo da família de Milena Costa



O hábito de ler foi decisivo para seu ingresso no setor público e na política.

Moço de personalidade marcante e carismático acompanhava sempre seu pai, participava das pescarias e dos demais movimentos dos pescadores, exatamente por isso em 1938 foi o escolhido para ocupar a presidência da colônia de pesca Z12/Maricá, servindo a comunidade, prestando socorros e assistências no alcance ao Hospital São Sebastião no Rio de Janeiro ou a Policlínica de Pescadores, na 1º de março, conveniados a todas as colônias de pesca do Estado.



A antiga sede da colônia de pesca ainda existe ao lado da capela de São Pedro em Araçatiba.

Não é possível falar de sua vida sem citar seu casamento com Hilda Cordeiro da Costa, no dia 30 de maio de 1942, do qual nasceram um casal de filhos, Odenir Francisco da Costa e Odinéia da Costa Alvarenga (titular do cartório do segundo distrito) ambos trazidos ao mundo em casa, pelas mãos do Doutor Orlando de Barros Pimentel. Francisco Sabino era muito querido na cidade e teve um restaurante que funcionava em frente ao então prédio da Prefeitura hoje Casa de Cultura.

O primeiro cargo público de Francisco foi aos 34 anos como Subdelegado e Delegado de Polícia de Maricá nos anos de 1946 a 1952, nomeado pelo governador Amaral Peixoto com apoio do prefeito Dr. Orlando de Barros Pimentel. Ocupou entre 1953/54 o cargo de Inspetor Geral na Companhia de Capitalização Aliança Bahia, com sede no Rio de Janeiro.

Foi eleito para o legislativo em 1955 trabalhando com firmeza na elaboração de leis para a melhoria da cidade e dando visibilidade a causa dos pescadores.

Conseguiu junto às autoridades municipal e estadual a instalação da energia elétrica para Maricá, fato ocorrido em 1958, no 3º Mandato do Dr. Orlando de Barros Pimentel.

Em 1959 foi reeleito e ao tomar posse foi escolhido presidente da Câmara de Vereadores, tendo como vice seu amigo e conselheiro Jorge Silva.

Em 1963 foi nomeado pelo Estado para exercer a função de Escrivão de Paz do 2º Distrito, em 1968 foi designado Tabelião do 1º Ofício da Comarca de Maricá.

Em homenagem pela atuação marcante como vereador e pelos vários cargos de liderança que exerceu, hoje a avenida que liga a cidade à Rodovia Amaral Peixoto tem seu nome.

Faleceu em 04 de outubro de 1968.

Texto: Hilda Cordeiro da Costa

Fonte:

Historiadora Maria Penha de Andrade e Silva
Livro de Atas da Câmara Municipal de Maricá
Depoimento da Família
Depoimento do ex-Prefeito Jorge Silva
Sala de História Fluminense-Biblioteca do Estado do Rio de Janeiro-Niterói-R.J.



Acervo da família de Milena Costa



Em sua jornada cruzou com o presidente Juscelino Kubitschek e outras personalidades da política brasileira

Acervo da família de Milena Costa



Sempre fazendo história, um dos construtores da política social para a população maricaense



Orlando de Barros Pimentel, médico sanitarista, foi prefeito de Maricá por quase 17 anos (1947-1950/1955-1958). Sua história foi marcada por grande admiração pela maioria da população. De fato, sua administração teve como marca a “Revolução Urbana”, a saber: embelezamento da cidade, construção de reservatório de água.



Juiz Antônio Bellot de Souza



Acervo do Museu

O Antônio Bellot de Souza, esteve exercendo o cargo de juiz de direito na cidade de Maricá nos anos de 1962 e 1968, presidente da Câmara de Vereadores do Município de Maricá, diplomou vereadores, franqueou a entrada de pretos no Clube de Maricá.

Poucas informações o Museu tem acerca desse cidadão que fez a sua parte.



Acervo do Museu

Juiz Antonio Bellot de Souza
na Câmara de Vereadores de Maricá



Acervo do Museu

Entrega dos diplomas aos novos vereadores



ICTIM

Instituto de Ciência e Tecnologia de Maricá



Empório
I | PIATTI



Trazendo sabores e inspirações: O legado empreendedor de Suzi Clementino no cenário da alimentação, agricultura familiar e consciência negra

No cenário empresarial, Suzi Clementino destaca-se não apenas como uma empreendedora de sucesso, mas também como uma figura inspiradora que, ao longo de mais de 30 anos, tem contribuído significativamente para o ramo de alimentação e eventos. Mulher negra, advogada por formação, Suzi é a mente por trás do Empório I Piatti, localizado em Maricá, um empreendimento que vai além de uma fábrica de massas sem glúten.

SUZI CLEMENTINO

É a mente por trás do Empório I Piatti, empreendimento que vai além de massas sem glúten.



Massas sem glúten contribui com o Desenvolvimento e fortalecimento da comunidade de Maricá

Fundadora do Polo de Gastronomia de Botafogo, no Rio de Janeiro, a empresária não se limita às fronteiras do seu negócio. Ela atua como conselheira do Fundo “Elas” de investimento para mulheres e participa do conselho dos Polos de Gastronomia do Rio de Janeiro, demonstrando seu comprometimento com o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade empreendedora.



A valorização da agricultura familiar

O Empório I Piatti, sob a direção da empresária, é composto por uma fabriqueta de massas e outra de farinha funcional, espaço de análise de qualidade dos alimentos e um espaço gourmet. A proposta inovadora da fabriqueta é estimular o aproveitamento integral de alimentos isentos de agrotóxicos, promovendo ao mesmo tempo a produção de matéria-prima pela agricultura familiar, ela desenvolve farinhas que substituem o glúten nas massas, como talharim, espaguete e nhoque, ao mesmo tempo que enriquecem esses pratos, tornando-os mais saudáveis e funcionais.

Projeto Bem-viver Alimentar: Uma relação com os produtores locais

Além de sua atuação empresarial, Suzi Clementino participa do Projeto Bem-viver Alimentar em Maricá, uma encomenda tecnológica do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação de Maricá (ICTIM) junto a Prefeitura de Maricá.

Em 2022, o Empório I Piatti iniciou visitas técnicas às residências dos produtores locais, construindo uma relação de confiança para valorizar seus produtos. A missão é criar uma ponte entre o empreendimento e os produtores, destacando ingredientes locais e promovendo a agricultura familiar.

Um exemplo notável é a parceria com produtores de Taioba, uma PANC (Planta Alimentícia Não Convencional) abundante em Maricá. Pouco conhecida, mas rica em nutrientes, ela tornou-se um insumo frequente nas criações do Empório I Piatti. Suzi Clementino busca não apenas destacar a importância nutricional da Taioba, mas também valorizar a produção local e sua sazonalidade.



Empório
| PIATTI



Como mulher negra e empreendedora, Suzi é um exemplo vivo de superação e sucesso, quebrando barreira se inspirando outros a trilharem caminhos similares. Seu compromisso com a valorização da cultura local, o estímulo à agricultura familiar e a promoção da diversidade no mundo dos negócios ressoam fortemente com os princípios do Dia da Consciência Negra. Sua trajetória é um testemunho de como o empreendedorismo pode ser uma ferramenta poderosa para impulsionar mudanças positivas na sociedade.



“Dia da consciência negra, é lembrar essa luta diária contra o racismo e pela igualdade racial. E sempre, na verdade, é um dia a dia nosso, né? Buscando esse Bem-viver de igualdade racial, perante todos, em todos os sentidos.
Suzi Clementino”



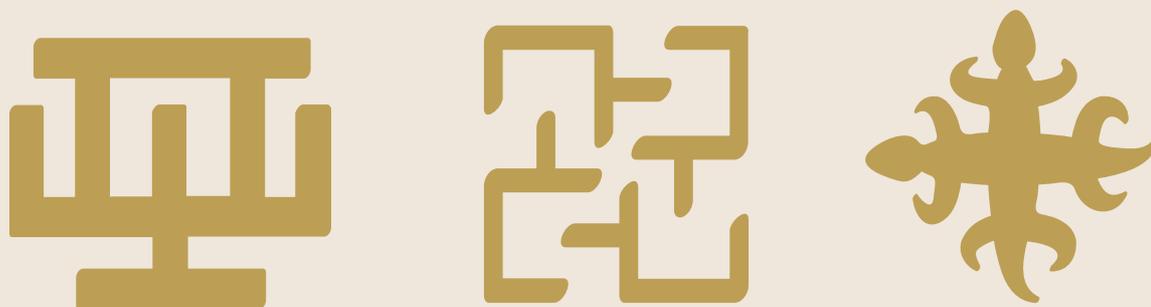
ADINKRA

Símbolos de sentenças práticas

São inúmeros os autores que falam sobre Adinkra, emblema do país de Gana, representam juízo ou axiomas. É largamente utilizado em tecidos, logotipos e cerâmica. Eles são integrados às paredes e outros aspectos arquitetônicos. Xilogravuras e serigrafias são alguns traços em tecido adinkra. Estas representações aparecem em algumas estatuetas acã (akan, grupo étnico cuan de Gana e Costa do Marfim) tradicionais. As figuras também são gravados em bancos para uso doméstico e ritual. O turismo levou a novos desvios no uso das estampas em itens como camisetas e joias.

Assinatura Adinkra Calabash

As figuras têm uma função decorativa, mas também representam objetos que acondicionam mensagens evocativas que expressam a sabedoria tradicional, aspectos da vida ou do meio ambiente. Existe diversidade de símbolos com significados distintos, geralmente associados a máximas. Nas palavras de Kwame Anthony Appiah, eles eram um dos meios para "apoiar a transmissão de um corpo complexo e cheio de nuances de prática e crença"





Sankofa

Um dos símbolos Adinkra



O ideograma africano “Sankofa”, é representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. Palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar).

Esse ícone fazia parte da cultura dos escravizados africanos trazidos de Gana, Togo e Burquina Fasso para o Brasil durante o período colonial.

Signo de Sankofa é um atributo de lembrança da história afro-americana e afro-brasileira, significando “recordar os erros do passado para que eles não sejam cometidos novamente no futuro”. Ou seja, representa a volta ao passado para que seja possível adquirir conhecimento e sabedoria. Nesse caminho, os africanos moldavam uma variação de um ideogramas adinkra.

Por fim, o voo reto do pássaro representa a necessidade de seguir em frente, em direção ao amanhã, sem, contudo, esquecer o passado. Os símbolos podem ser substituídos por um coração personalizado. Esses simbolismos eram utilizados, também, para estampar tecidos de roupas, cerâmicas, objetos, entre outras coisas.

EXPOSIÇÕES, SEMINÁRIOS ACONTECENDO NO MUSEU MOMENTOS DE PURA CULTURA

EXPOSIÇÃO DARCY RIBEIRO

Os índios de Darcy Ribeiro

A Mostra “Kadiwéu.Ofayé.Urubu-Ka’apor – Os índios de Darcy Ribeiro”, inaugurada no dia 26 de outubro, recebeu inúmeros maricaenses que queiram conhecer um pouco mais o trabalho do Prof. Darcy e da Casa de Cultura e do Museu Histórico de Maricá.

Aberta ao público na Casa de Cultura de Maricá na quinta-feira (26/10), data em que o antropólogo, indigenista e político brasileiro completaria 101 anos de vida. Estão em exposição 29 fotografias feitas pelo próprio Darcy em três tribos indígenas onde viveu, entre as décadas de 1940 e 1950. Organizado pela Companhia de Desenvolvimento de Maricá (Codemar), a exposição fica até o dia 26 de novembro.



RITA ROSA, responsável pelo Museu Casa Darcy Ribeiro,
NORMA BRUM, diretora da Casa de Cultura e,
BLANCA DIAN, Museóloga do Museu Histórico de Maricá



Inauguração da Exposição Darcy Ribeiro e seus índios



**Blanca Dian, Norma Brum,
Renata Gama, Rita Rosa e Daniele Padilha**



**Equipe do Museu
dando boas vindas aos visitantes**



**Equipe do Museu,
Rita Rosa (Coordenadora da Mostra) e o
Representante do Museu do Índio**



**Neuz Brum, Tâmara Costa, Daniele Padilha,
Érica Ramos, Fátima Moura e Rychard N. Ferreira**



**Álvaro Lima
Segurança**



**O prédio histórico
comporta 50 visitantes**



**Presidente da CODEMAR Hamilton Lacerda,
Norma Brum, Blanca Dian e Rita Rosa**



**Equipe do Museu,
Rita Rosa (Coordenadora da Mostra) e
Tâmara Rocha (apresentadora do evento)**



**BLANCA DIAN, museóloga e
RENATA GAMA,
urbanista**



**TÂMARA COSTA
Cerimonialista**

**HAMILTON LACERDA
Presidente da CODEMAR**

“Essa mostra serve para resgatar a significância da obra de Darcy Ribeiro. Isso somado ao reinício das obras da sua casa-museu. Para Maricá, é mais uma injeção de autoestima num lugar cujo governo gere a cidade de forma séria e também lida da mesma forma com os povos indígenas. Uma prova disso é o ensino da língua tupi-guarani nas escolas”, segundo o presidente da Codemar





“A participação da Vila de Santa Maria de Maricá na Independência do Brasil”

Com o tema “A participação da Vila de Santa Maria de Maricá na Independência do Brasil” do Projeto do Presidente Mirim Miguel Padilha, do IHGAM - Instituto Histórico, Geográfico e Ambiental de Maricá, o palestrante mestre Prof. Deivid Antunes da Silva Pacheco expôs com propriedade o ocorrido no ano de 1822.

O evento foi uma iniciativa do jovem Miguel Padilha, presidente do IGHAM. Visa conscientizar os jovens, em especial de Maricá, sobre uma das inúmeras histórias que constituem o patrimônio de Maricá.



MIGUEL PADILHA Presidente Mirim do IHGAM



O juiz José Clemente Pereira intermediador da coroa com a elite de Maricá para apoiar a Independência do Brasil

O Prof. Deivid Antunes, nos conta motivos que deram origem à independência.

Em 1814 D. João eleva a Freguesia à Vila, Vila de Santa Maria de Maricá.

José Clemente Pereira, intermediador, é, então, o juiz de fora, da Vila da Praia Grande Niterói e Maricá de 1819 a 1821. Na época quem presidia a Câmara era o juiz.

A história de Itaboraí e Maricá era compartilhada, não se entendia a divisão. Havia receio, medo da aristocracia, que os escravizados matassem o seus senhores, como aconteceu no Haiti. Com isto o movimento de independência é de uma elite. A presença do rei D. João em Maricá se deu para agradar a elite. O jornal A Gazeta era o jornal oficial do governo. Eduardo Figueiredo narra a presença de D. João, príncipe regente, para inaugurar a estrada Real. Era um grande estadista.

D. Pedro era abolicionista, não público, já José Bonifácio era publicamente abolicionista.

Ponta Negra havia porto para desembarque de escravizados .



Mestre e Prof. Deivid Antunes e o Presidente mirim Miguel Padilha



Renata Gama, Caroline, Deividi, Andrea e Miguel

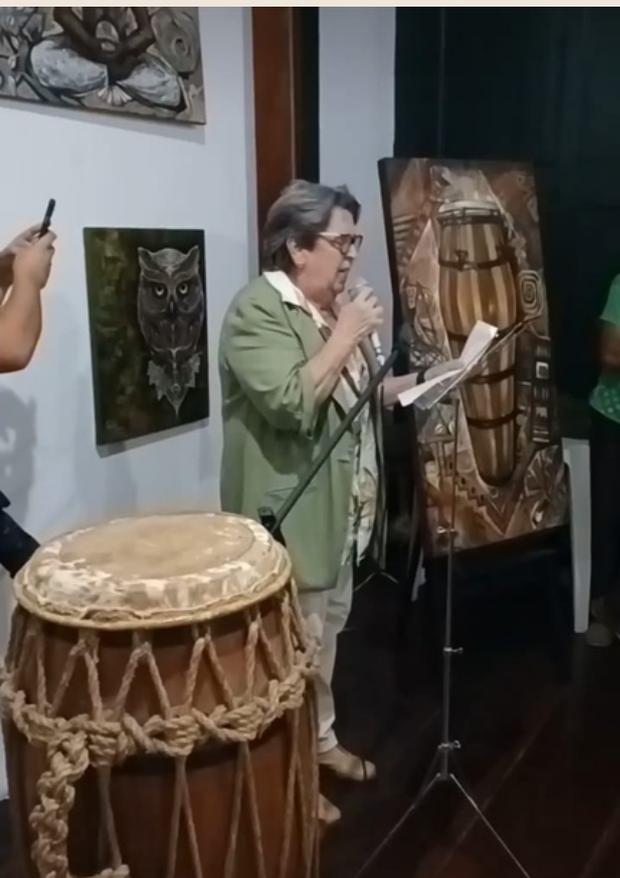




SARAU DE TODAS AS ARTES - EXPOSIÇÃO ESSÊNCIA EM CORES E FORMAS - Artista Plástica Cecília Lyra



Sucesso absoluto



Artista Plástica Cecília Lyra

A artista plástica de Maricá, Cecília Lyra, abre as portas de seu universo criativo. Sua exposição cativa e inspira os visitantes.



**SARAU DE TODAS AS ARTES -
EXPOSIÇÃO ESSÊNCIA EM CORES E FORMAS -
Artista Plástica Cecília Lyra curadora Moema Branquinho**

A Casa de Cultura, sede do Museu Histórico de Maricá recebendo a Exposição “Essência em Cores e Formas” da Artista Plástica Cecília Lyra de 06 à 22/10, sobre curadoria de Moema Branquinho.

“Essência em Cores e Formas”, a artista Plástica Cecília Lyra, nomina como uma obra viva, que vem da própria força da natureza, que flui na variedade dos tons terciários verdes e azuis e personagens integrados a esta natureza, numa junção de aspectos físicos, biológicos e espirituais.

Cecília Lyra é carioca e nascida em 6 de setembro de 1953; ganhou o seu primeiro cavalete aos 6 anos de idade, iniciando seus traços artísticos; mas formou-se em ciências físicas e biológicas pela universidade Gama Filho. Em 1976, como professora de ciência, iniciou um curso livre de desenho artístico e pintura no Tijuca Tênis Clube. Neste mesmo período, fez também curso, na sociedade Brasileira de Belas Artes no Rio de Janeiro, iniciando sua criação através do desenho artístico, técnica de pastel e pintura à óleo. Em 2013, veio morar em Maricá, onde ficou 5 anos sem pintar e depois ingressou em oficina de teatro. Em 2018, fez a exposição “Axé” no Porão Cultural, convidada por Tatiana Castelo Branco e ainda em 2018, realizou mais uma exposição individual no Cine Teatro Henfil, como parte da cerimônia comemorativa da Semana da Consciência Negra.

Mais tarde, durante a pandemia, Cecília Lyra criou o Instituto Nosso Chão de Dendê, idealizado por sua companheira Rosa dos Anjos, onde tem seu atelier de pintura e um amplo espaço criativo que se transformou em local de compartilhamento de saberes e ações culturais de amigos e artistas.

Por: Vera Lúcia

Imagens: Beto Vídeio

Todas as fotos irão para o Site

www.tvitaiquacu.com.br



OFICINA DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVA

Continua até 16 dezembro de 2023 a OFICINA DE LEITURA E ESCRITA CRIATIVA, que exibiu, com grande sucesso, o filme “Um Grito Parado no Ar” do diretor Leonardo Souza.

A Oficina de Leitura e Escrita Criativa segue coordenada por Marina Alves – Ateliê Casa 3 - continua suas atividades nos espaços da Casa de Cultura / Museu Histórico de Maricá.

A partir de uma metodologia que mescla leitura coletiva, exibição de filmes, produção de textos e imagens, o participante será convidado a imergir na prática de diferentes letramentos.

Você é @ convidad@ especial para essa jornada!

Quando: No sábado, dia 02/12, das 13h30 às 16h, continua a leitura do livro tornar-se negro”.

Esse livro base, “Tornar-se Negro”, é de autoria de Neuza Santos Souza.
Entrada gratuita

Endereço: Praça Orlando de Barros Pimentel s/n - Centro - Maricá



Participantes do encontro

Adriana, Estreliane, Kaduh, Luciana, Milena Costa



Lanche de confraternização

Milena Costa define esses momentos como “Encontro com nossa ancestralidade preta”



acervo do museu

A museóloga Blanca Dian participa dos momentos



acervo do museu

**Concentração
nos
trabalhos após
a sessão do
filme “Um grito
parado no ar”
do diretor
Leonardo Souza
(foto calça verde)**



acervo de Milena Costa



Exposição e debate do tema

acervo do Ilená Costa



**Momentos de escuta,
reflexão, debate**

E descontração

acervo do Ilená Costa





SALA DAS FAZENDAS



Na vitrine pilões

**PEÇAS QUE OS
ESCRAVIZADOS
USAVAM PARA O
TRABALHO.**

**LEMBRAR PARA
NÃO REPETIR
ESSE PASSADO
CRUEL**



No centro a "Santa do pau oco",
usada para tráfico de pedras preciosas



Pilão e recipiente para
acomodar o açúcar



Fuso de Casa de Farinha



Carro de leite



Carroça e pilão



Cone é chamado pão de açúcar,
servia para ensacar o açúcar



“LIBERDADE A QUALQUER CUSTO”

Trajatórias, meios, formas e as diferentes modalidades de escravidão que existiam em Maricá, assim como localidade onde outrora existiram comunidades quilombolas, tráfico, revoltas e muito mais. Grupos e movimentos eram pró ou contra a libertação dos cativos maricaenses nos períodos colonial e imperial. BRUM, Cezar Marins, pág.34-36,2ª Ed., Maricá: Smart Printer,2016

Formação dos quilombos maricaenses.

As relações de trabalho escravocrata iam além dos locais onde ocorriam. Deste modo escravos de municípios distantes se comunicavam com seus semelhantes já alforriados do Rio de Janeiro.

Maricá enquadrava-se nessa conjuntura, exemplo ocorria na fazenda dos monges beneditinos, possuidores de propriedades agrícola em vários municípios, de Campos a Nova Iguaçu. Incluindo o Mosteiro de São José do Imbassaí, em Maricá. Os escravos dos monges recebiam tratamento menos desumano.

Comunidades Quilombolas de Maricá

Cabe aqui ressaltar que entre Maricá e Itaboraí, inicialmente, não havia limite, segundo ensina o Mestre e Prof. Deivid Antunes da Silva Pacheco. Não existe informação detalhada sobre os quilombos que existiram no território da antiga Vila de Santa Maria de Maricá, desde o período colonial até quase o final do Império. Tanto a historiadora Maria da Penha de Andrade Silva, que colaborou com a reportagem de Catarine Monerat, bem como o historiador Cezar Brum afirmam que a maioria dos quilombos localizavam-se em área de difícil acesso. Próximos a fazendas canavieiras, entre fronteiras de Maricá com os Municípios de Saquarema, Itaboraí e São Gonçalo.

As autoridades imperiais recebiam constantes denúncias de existência de Quilombos por toda a província fluminense, assim como nas regiões próximas a Maricá. Um desses encontrava-se nas regiões próximas a Bacaxá, pertencente na época ao “Distrito” de Saquarema. Localizado em área serrana.

Em 15 de agosto de 1730 o Governador da Província Vahia Monteiro extinguiu o

Quilombo ali existente, com soldados de Maricá e Saquarema., numa expedição comandada pelo Coronel Prado, da Guarda maricaense.

Karasch em seu livro “A vida dos escravos no Rio de Janeiro”, 1808 - 1850, afirma que perto de Maricá os fugitivos de um mocambo conhecido como **Quilombo de Joaquim Bunga**, local não localizado, denominação derivada do líder dos quilombolas, com existência muito antiga.

Quilombo de São Bartolomeu (Betolomeu), teria surgido a partir de negros das fazendas próximas ao mesmo, que quando espancados por capatazes escondiam-se na serra do Jacu, pássaro que deu nome ao bairro Jacuné, hoje Jaconé. Na lua pela vida clamavam a São Bartolomeu (conhecido no candomblé como “Oxumaré”), pelo martírio que passou após ser capturado e ter sua pele arrancada.

Quilombo da Lagoinha, situava-se no sertão de Mato Grosso, antes conhecido como Urussanga, próximo ao ponto culminante de Maricá, Pico da Lagoinha, fronteira com Saquarema, com quase 900 metros de altura.

Quilombo Morro do Chapéu (conhecido também como Quilombo Monte Vidi, localizado entre os Bairros do Caxito Grande, Lagarto e Monte Vidi, este último em Itaboraí. Quilombo Guayá, até hoje com difícil acesso, chega-se após uma caminhada de 3 horas, a partir da Estrada de Cassorotiba, pode-se atingir o alto do Guayá na Serra de Itatindiba, pela vertente de Itaboraí. Pelo Morro do Carrapato, mesmo tempo de viagem, a partir da localidade de Timbopeba, no Bairro Curuzu, fronteira com Cassorotiba.

Cassorotiba, chega-se ao local. Por São Gonçalo através de uma estrada que se inicia em Santa Isabel. O fato desse Quilombo se localizar entre três Municípios, dava maior possibilidade de fuga dos escravizados, quando caçados pela milícias com jurisdição apenas municipal. Os quilombolas tinham como seu principal líder Clementino Pé de Serra.

Quilombo do Ingá, do vocábulo Tupi “I-gá”, uma árvore que era muito comum em Maricá, localizada numa serra próxima aos bairros de Manoel Ribeiro e Bambuí, morro com o mesmo nome da fruta Ingá. O escravizado **Justino “das Conchas”**, da Fazenda Engenho Novo, após ser brutalmente castigado, consegue refugiar-se nas matas do morro do Ingá. Possivelmente antes de sua fuga foi até a fazenda da Serrinha entre o Caju, Manoel Ribeiro e Bambuí, para receber os cuidados do primeiro médico de Maricá Dr. João de Souza Dias Menezes (1843-1906).

Quilombo de Itaocaia, é o mais conhecido na historiografia maricaense. uma vez que foi citado pelo naturalista Charles Darwin em seu caderno de anotações de campo. 1832. Anotado que o Quilombo existiu próximo a um rochedo nas terças pertencentes a Fazenda Itaocaia. “...uma expedição da guarda Imperial conseguiu prendê-los e reconduzí-los possivelmente as suas fazendas de origem....a tragédia ocorrida com uma escrava que preferiu suicidar-se, jogando-se do alto do rochedo...”



MOVIMENTOS SOCIAIS DE MARICÁ NO COMBATE AO RACISMO

Eis um dos temas mais importantes do século XXI, que é alvo de grande preocupação e de intensa luta na sociedade, movimentos sociais, governo para alcançar a tão sonhada igualdade racial.

O termo "Consciência negra" ganhou notoriedade na década de 70, no Brasil, em razão da luta. Ainda há movimentos sociais que atuam nesta linha, nacional, estadual, nos municípios e, internacionalmente, como o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras-IPCN, Movimento Negro Unificado-MNU, Fórum Municipal de Mulheres Negras - FEMNEGRAS, União de Negros e Negras pela Igualdade - UNEGRO.

O termo é, ao mesmo tempo, uma referência e uma homenagem à cultura ancestral do povo de origem africana, que foi trazido à força e duramente escravizado por séculos no Brasil e continua sofrendo os efeitos de um racismo institucionalizado.

É o símbolo da luta, da resistência e a consciência de que a negritude não é inferior e que o negro tem seu valor e seu lugar na sociedade.





MOVIMENTOS SOCIAIS DE MARICÁ NO COMBATE AO RACISMO



Texto e fotos: Luciene Mourão

LUCIENE MOURÃO

Presidente do POPE-Pela
Ordem Primeiro Elas

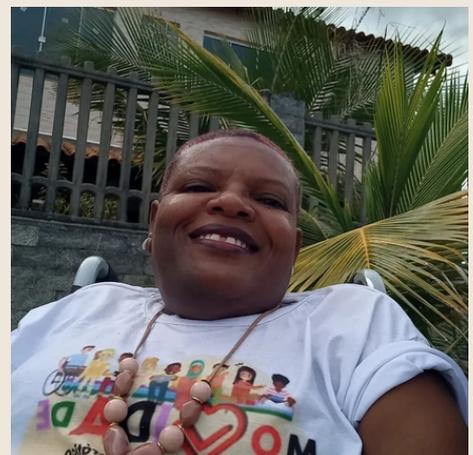
O Pela Ordem Primeiro Elas vem colaborando no processo de hegemonia sociorracial, onde busca dar visibilidade às mulheres negras, trazendo pautas com recortes de gênero e raça, com atenção total a interseccionalidade, para que possamos trazer a efetiva equidade quando falarmos de políticas públicas para a população negra, contribuindo com assessoria jurídica para aquelas vítimas de racismo, para que possamos continuar avançando em vários sentidos nas lutas sociais no combate ao racismo, sobretudo na tarefa de desmistificar que o nosso país não é exemplo de harmonia racial, e denunciando as várias formas de preconceito e discriminação.

A presidente do MOVIDADE Claudenise Silva assegura que o MOVIDADE tem batido muito nessa tecla contra o racismo, estamos sempre tentando derrubar esta faixa, que insiste continuar tapando a visão daqueles que não acreditam que o povo Preto possa sair de vez da escravidão porque, como podemos ver até hoje, o povo Preto querendo ou não continuam sendo escravizados. Então é através de palestras e encontros que o Movidade vem tentando fazer com que a sociedade reveja esses conceitos que persistem em assombrar o povo Preto.

O dia da Consciência Negra não é apenas para considerarmos um feriado, é o dia de refletirmos!

O dia da Consciência Negra se trata de uma data para reconhecermos a luta diária das pessoas Negras contra o racismo e também contra a intolerância.

Porque o racismo é respeito, ele não tem cor ele tem consciência!



Texto e fotos: Claudenise Silva

CLAUDENISE SILVA

Presidente do MOVIDADE - Movimento
Democrático Afro-Descendente pela
Igualdade Racial



O Tamojunto em Metamorfose nasceu de conversa entre mulheres que saíram do ciclo de violência doméstica.

Resolvemos assim ter a iniciativa de criar um coletivo que leve à população uma forma diferente de cuidar.

Com visitas, acompanhamento mensal, levar conhecimentos de seus direitos e poder quanto sociedade civil.

Falar mais sobre racismo levando além do que mostra os livros.

Eu, por exemplo, fui uma criança que só pude aprender a trabalhar, porque preto foi escravo e não podia sonhar.

Estudar tinha que ficar pra depois.

Pode parecer que não, mas tem muitas famílias ainda que pouco sabem do que foi a escravidão.

O nome Tamojunto em Metamorfose significa que temos mulheres juntas em transformação.

Mas nosso Coletivo aceita homens apoiadores da causa.



Texto e fotos: Cátia Maria

CÁTIA MARIA

Fundadora do TMJ EM METAMORFOSE



SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DE MARICÁ NO COMBATE AO RACISMO



Quadra da União de Maricá

A Secretaria de Participação Popular e Direitos Humanos por meio da Coordenação Geral de Igualdade Racial mais o Programa Marielle Franco e Cultura de Direitos, reuniu pensadoras negras no dia 19/11 às 17h, na Quadra do GRES União de Maricá para falar sobre Mulheres Negras e as Políticas Públicas.

Texto e fotos: Valesca Souza

Nessa mesa foram discutidos várias temáticas desde soluções para a vida periférica de algumas mulheres até dissolução de algumas duvidas a cerca de onde e quem procurar para resolver casos de racismo e/ou abuso e violência doméstica dos quais têm em quase sua totalidade acometendo mulheres negras. Foram quase 2 horas de conversa e acolhimento de testemunhos e relatos emocionados. O evento foi encerrado ao som da União de Maricá que mais uma vez reforçou o brilhantismo do samba para para o Carnaval de 2024 e a certeza de que irá desfilar no Grupo Especial em 2025.

Texto e fotos: Valesca Souza



Na mesa:

Valesca Souza
Vanessa Malaquias
Denise Oliveira
Dra. Marcia Bráz
Joana D'ark Santos de Oliveira
Layla Thatiana Azevedo dos Santos
Rafaela Albergaria
Renata Pedreira



Texto e fotos: Valesca Souza



Casa da Cultura
Museu Histórico de Maricá

Produção



Apoio

